1.º anno | Lisboa, 9 de março de 1885 | Numero 37

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

RIO DE JANEIRO—RUA DA GLORIA

CHRONICA

Uma semana de Caridade, d'aguaceiros rijos, de discussões sobre o Zaire, de ventanias agrestes, de duellos frustrados, de crimes estupendos, de novidades theatraes, mas, principalmente, d'aguaceiros e de Caridade.

Entre este bom povo portuguez travou-se um desafio vigoroso, suscitado pelas desgraças da Andaluzia. Cada qual trata de desbancar os outros, conforme póde, no exercicio da sua missão caritativa. E' um duello sem treguas, em que se jogam os ultimos cinco réis: um combate permanente, em que só cae por terra quem já ficou sem camisa.

Dir-se-ia que o Portugal moderno, muito mais humano que o velho Portugal das campanhas gloriosas, pretende penitenciar-se agora dos aggravos infligidos á soberbissima Castella em 1640 e outras épocas, ficando nu, por amor dos andaluzes.

E se não é isto, se esta monomania caridosa que eu, em todo o caso, muito respeito, não significa uma penitencia e uma reparação, inclino-me a crer que o paiz não póde já com tanta riqueza, e quer distribuil-a prodigamente pelos visinhos, para ficar mais alliviado.

Ou uma coisa ou outra.

Admittindo a primeira hypothese, Portugal dá á Hespanha sua irmã um testemunho segurissimo de que não é de reservas, assim como quem diz:—o que lá vae, lá vae!

Acceitando a segunda hypothese, este florido torrão das camelias e das larangeiras copadas desmente, d'um modo solemne, as lamurias dos pessimistas systematicos, que para ahi andam, todos os dias, a dizer cobras e lagartos do estado das nossas finanças.

No proprio momento em que o sr. Carlos Bento desenrola na camara uma téla enorme ensombrada de calamidades e de infortunios, exactamente na mesma occasião em que o sr. Mendes Pedroso pede para se estudar uma crise cerealifera medonha, e o sr. Consiglieri do mesmo appellido nos terrorisa, pintando a traços carregados a situação penosissima da classe trabalhadora, essa mesma classe, tão esmagada ao pezo das contribuições e tão entristecida pela vida de pobreza que arrasta, acode espontaneamente ao appello da Associação dos Jornalistas, indo deixar, nas vistosas barracas da *Kermesse* da Estrella, o bom de mil e tantas libras para os infelizes de Granada: e isto depois de ter deixado muito mais na *Kermesse* da Tapada da Ajuda, nas *quêtes* dos theatros, nos sorvedoiros de varias subscripções.

Verdade seja que, d'esta vez, a classe trabalhadora divertiu-se, ouviu musica, e comprou sortes,—uma das manias predominantes do nosso indigena. Havia, na *Kermesse* da Estrella, tudo quanto pode encantal-o e distrahil-o: bandas marciaes entoando hymnos festivos; coros orpheonicos; batalhões escolares manobrando á voz d'uns commandantes imberbes, á laia de soldadinhos de chumbo movidos por mão infantil; prodigios de scenogarphia trabalhados por pinceis d'artista; um arremedo das ruinas de Pompeia, muito para notar-se; a reproducção exacta d'um moinho hespanhol do seculo XVI, abrigando gentilissimas vendedeiras de sortes; muita flor, muita mulher bonita, o *odor di femina* e o perfume da baunilha, a vegetação do Passeio da Estrella—uma vegetação que não se parece em nada com a dos outros Passeios publicos—dando áquella festa movimentada o tom alegre d'um vistoso arraial campezino; e lá no alto, um ceu limpido e espelhado de primavera, desafiando os rouxinoes a ensaiar *romanzas* e gorgeios.

Não teve a mesma sorte o festival dos moços academicos no Jardim Zoologico de S. Sebastião da Pedreira. O ceu, n'uma volubilidade de creança caprichosa, fez-lhes a pirraça de despejar cá para baixo, sobre as bandejas onde se inscrevia a caridosa legenda *date obulum*, varias bategas d'agua, que não estavam no programma da festa, e que contrariaram os festeiros, obrigando-os a transferir para melhor dia a execução do seu emprehendimento.

Parece que o Todo Poderoso, n'um excesso de commiseração pelos raros bemfazejos que ainda tinham camisa, os quiz poupar ao sacrificio de despil-a completamente, entornando-lhes sobre as cabeças aquelles chuviscos providenciaes.

Se o Altissimo não repetir mais vezes esta graça, a bem do proximo e de nós mesmos, realisar-se-ha—quem sabe—ámanhã a prophecia d'um gazetilheiro espirituoso, synthetisada na seguinte graciosissima quadra:

E se isto assim continua,
Temos de dar qualquer dia
Para as victimas das victimas
Dos tremor s d'Andaluzia!

Ainda cá temos os zingaros, os formidaveis interpretes de Strauss, os famosos executantes d'aquellas valsas sensuaes, doidas como ebrios, capazes d'electrisarem um moribundo e de fazerem dar á perna o proprio sr. Gladstone, no mesmo dia em que recebeu a noticia do desastre de Khartum.

Antes de chegarem os zingaros, antes d'elles nos arrancarem da alma dos seus magicos stradivarius a verdadeira e genuina musica do inspirado compositor austriaco, Strauss era já para nós um nome glorioso e um talento formosissimo, mas não tinhamos ainda a perfeita noção do que fossem as suas valsas arrebatadoras.

As orchestras dos nossos theatros, somnolentas e enfastiadas, davam-nos, de longe em longe, um pallido reflexo d'essas composições brilhantissimas.

Faute de mieux, nós achavamos bonito, e enguliamos como obra do inspirado maestro viennense uns compassos arrastados pelo somno dos orchestrantes burlões, sem colorido, sem *entrain*, sem vida.

Agora, sim senhor, que já ouvimos o Strauss authentico: é inteiramente outro; desvaira e arrebata, allucina e commove, estontea e enlouquece. Interpretado pelos concertistas do principe Ezterhaszy, não encanta só: produz vertigens, dá-nos a embriaguez, causa-nos febre.

A *troupe* artistica de D. Maria chamou os zingaros ao seu theatro, como a sr.ª duqueza de Palmella os chamára aos seus salões. A casa encheu-se para os ouvir.

Se o theatro do Rocio dispensára até hoje, por desastrada e anachronica, a orchestra que em tempos remotos deliciou os nossos avós pouco exigentes, agora, depois de terem ali tocado os *tziganes*, pedimos aos senhores societarios, em nome do bom gosto, que nunca mais se lembrem de contractar nenhuma orchestra luzitana.

E, sobre tudo, que ella nos dê Strauss de contrabando.

Hortensia, uma collaboradora desconhecida e gentil—deve por força ser gentil—que lá dos confins d'Africa oriental nos enviou a sua prosa rendilhada, não permitte que o chronista se alongue em divagações e promenores, fallando-te de theatros e de circos, da *Africana* e dos *Macarronis*, da morte da tia Vicencia e dos concertos do capitão Voyer, da *soirée* dos viscondes de Daupias e da resurreição da *Gran-Duqueza de Gerolstein*.

Fica para a semana.

G. DANTAS.

IGNOTA DEA

II

Hontem vi-te sorridente,
Mas não viste quem te adora,
Quem te vê a toda a hora,
Quem te vê continuamente!

Eu vi te assim como Flora
Passeiando resplendente
Entre as nuvens do oriente,
Guiando o carro d'Aurora!

Tu passaste, a multidão,
Toda ella, te sorriu,
Te saudou, se descobriu.

Eu não tirei o chapeu ...
Precisei do braço meu
P'ra levar ao coração

SERGIO DE CASTRO.

GARRETT E O SEU TEMPO

X

Não nos demoraremos em referir o episodio da saida do Porto, de Garrett, que foi a Inglaterra em companhia de Palmella, encarregado de uma missão diplomatica, e que, juntamente com Palmella, foi exonerado, ficando sem destino e sem recursos no estrangeiro.

Tendo triumphado a causa constitucional, regressou Garrett a Lisboa e começou a sua vida de pretendente, que mal se explica da parte de um homem que tão altas faculdades possuia e tão relevantes serviços podia prestar não só ao seu paiz, mas tambem ao partido em que se filiasse, serviços que são infelizmente, nos paizes parlamentares, os que mais se apreciam e mais altamente se recompensam.

Ha n'este ponto, devemos confessal-o, uma lacúna importante no livro do sr. Gomes de Amorim, lacúna de que elle não é culpado, mas que nem por isso d·ixa de se sentir de um modo muito desvantajoso para a comprehensão da vida e da influencia de Garrett. Quaes foram, nos primeiros annos do nosso regimen constitucional, as relações politicas do grande poeta? Que bandeira seguio, em que partido se alistou, quaes foram os seus correligionarios, que importancia teve entre elles? Lendo-se o principio do 2.º volume da obra do sr. Gomes de Amorim, parece que Garrett era tido como um pretendente importuno, que andava atulhando de memoriaes as algibeiras dos ministros, ora a pedir que lhe pagassem os ordenados a que tinha direito, ora a solicitar uma collocação e um emprego. Dir-se-hia que Garrett estava fora da esphera poltica d'esse tempo, que não conhecia senão as ante-camaras dos ministros, que os homens importantes, emfim, não faziam caso d'elle. E' a impressão que resulta da leitura dos documentos, desacompanhados dos commentarios que os elucidem. Não se encontra o leitor senão em presença de memoriaes repetidos, e, como não ha as narrações que os completem, parece que Garrett veio a ser um segundo Nicolau Tolentino.

E porque é isto? E' porque o sr. Gomes de Amorim não conheceu Garrett no tempo em que estes factos occorriam, porque não poude provavelmente conversar com os homens politicos d'esse tempo, e teve, por conseguinte, de limitar-se a fazer a historia pelos documentos.

E, comtudo, a prova de que Garrett era já tido na conta que merecia, é que se lhe confiava a elaboração da reforma de instrucção publica, e que se lhe dava, emfim, a embaixada da Belgica, que não era, de certo, uma das grandes embaixadas portu-

guezas, mas que era um excepcional começo de carreira diplomatica.

A historia da sua missão na Belgica é uma historia curiosa para o estudo da diplomacia d'esse tempo e dos costumes do inicio do nosso regimen parlamentar. O sr. Gomes de Amorim limita-se a fazel-a pelos documentos, mas esses documentos são preciosos, e, ainda que deixam ficar uma parte mysteriosa, derramam immensa luz na historia d'esse tempo.

A correspondencia official de Garrett é publicada em grande parte pelo sr. Gomes de Amorim, e em muitos dos officios se revelam as extraordinarias e variadissimas faculdades do grande poeta. Como elle aprecia bem o regimen administrativo da Belgica! Como elle observa as necessidades de expansão da sua industria, que haviam de chegar um dia a dar origem a esta Associação Internacional, que tão incommoda nos tem sido!

«Apresso-me a participar a v. ex.ª, diz elle, que de novo recebi insinuações e quasi aberturas do ministro dos negocios estrangeiros, mr. de Mulenaere, para um tratado commercial comnosco. Viemos a alguns pormenores (sempre em conversação): e não duvidou dizer-me o ministro que, tanto nos direitos de portos, facilidades de navegação, transito, e entrepostos, se faria tudo quanto fosse possivel fazer de mais amplo; como se diminuiriam aqui os direitos aos tres generos que nós mais podemos importar: vinhos, sal e fructos verdes e seccos. Estabelecer-se-hia por nós egualdade de favor para os pannos de lã, ferragens, carvão de pedra. *Se nós quizessemos deitar mais adiante e permittir-lhes entrada em nossas colonias de Africa (no que em minha humilde opinião, creio que da parte da Belgica não ha risco para nós e haveria vantagens para as colonias) mais fariam elles então.* Ha um genero de tecidos de rayas, que nós vamos buscar á India e para o pé do estreito na Arabia, para vir de volta com elle a Moçambique. Este genero nos forneceriam os teares de Gard, costumados a trabalhal-o para Batavia, e nos chegaria a Moçambique e Rios de Senna por ametade do preço.»

Se tivessemos sido nós que tivessemos aberto a Africa á industria e ao commercio da Europa, não tentaria ella arrombar-nos as portas. Mas já em 1835 a Belgica pensava na Africa!

O governo portuguez pouco se importou com isso. Tinha mais em que pensar, tinha que se defender na camara, tinha que attender ás mil questiunculas politicas, que envolvem sempre os governos em Portugal, e os officios de Garrett ficavam absolutamente sem resposta.

Ficavam sem resposta estes officios, porque o ministro não se importava com elles, ficavam outros sem resposta porque lhe não fazia conta attendel-os. Effectivamente Garrett não cessava de pedir dinheiro, e de pedir um secretario, e nenhum d'esses pedidos era desarrazoado. O dinheiro que elle pedia era o dos seus ordenados, e não o conseguia! Que triste posição a de um representante do paiz, n'uma côrte estrangeira, sem recursos e com os vencimentos atrazadissimos!

Comtudo não se póde dizer que esse atrazo fosse uma desconsideração para Garrett. Não se lhe pagava, porque se não pagava a ninguem, e, quando havia dinheiro para diplomatas, naturalmente quem o recebia eram os ministros das côrtes importantes.

O que se passou com Garrett na Belgica? Porque é que elle soffreu da parte da côrte belga uma serie de desconsiderações que elle proprio affirma que se não dirigiam a elle pessoalmente, mas que eram uma prova do desagrado do rei Leopoldo para com a côrte de Lisboa? Não o sabemos, e procurámos informarnos. O actual ministro da Belgica em Lisboa, o sr. barão Greindl, já, a nosso pedido, escreveu para Bruxellas a pedir as noticias que houvesse de qualquer frieza diplomatica da Belgica com Portugal no tempo em que foi Garrett o nosso representante. Aproveitamos o ensejo para agradecer áquelle illustradissimo diplomata, homem de elevado talento e de rara instrucção, a promptidão com que se prestou a colher as informações que desejavamos.

Garrett suppõe que o rei Leopoldo ficara indignado por lhe terem mandado a grã cruz de Christo, quando naturalmente queria que lhe mandassem a grã-cruz da Torre e Espada. Parece impossivel que tão frivolo motivo podesse produzir tão singular esfriamento. E' certo porém que estas questões teem uma gravidade, que mal se comprehende, na esphera em que ellas habitualmente se agitam. O valor respectivo das grã-cruzes está, por assim dizer, cotado officialmente, e os agraciados ligam importancia extrema a esses factos que parecem insignificantes. Não estranhamos, portanto, que a questão da grã-cruz désse origem a todas as desconsiderações officiaes de que Garrett se queixa, e que eram aliás compensadas por todas as provas de deferencia pessoal.

Mas porque foi depois Garrett demittido, ou antes transferido para Copenhague, o que equivalia a uma demissão, apesar do governo attribuir a essa legação um ordenado maior, pois que, apesar da Belgica ter pouca importancia para Portugal, muitissimo menor era ainda a importancia da Dinamarca? Foi simplesmente por haver empenhos fortissimos a favor do novo ministro em Bruxellas? Não nos parece. Ora o governo considerava como uma necessidade politica ter Garrett longe de Portugal, e essa rasão era suprema, ou desejava ser-lhe agradavel, e não havia empenho que prevalecesse contra isso. A transferencia de Garrett é um mysterio, que o sr. Gomes de Amorim deixa sem solução. Talvez uma busca minuciosa no archivo do ministerio dos negocios estrangeiros, podesse dar a chave do enigma. O despacho do ministro recaío de certo sobre um processo qualquer. O seu *P. D (Passe decreto)* foi de certo precedido de informações da secretaria. Essas informações é que seria conveniente examinar.

PINHEIRO CHAGAS.

BENÇÃOS...

Tudo na minha vida ia acabando:
Essas flores ideaes da phantasia
Iam-se, lentamente, definhando,

E a minh'alma tristissima e sombria,
Começava a não ver no seu futuro
Um unico vislumbre d'alegria!

Porém, na téla d'esse fundo escuro,
Eu vi surgir a imagem luminosa
D'esse teu rosto celestial e puro,

E,—como se existisse alguma rosa
Dentro d'este meu peito,—eu vi então
Abrir-se, novamente, á luz radiosa

O meu triste e opprimido coração;
E tu, meu casto lirio immaculado,
Conseguiste tornar em um vulcão

O meu peito já quasi enregelado!
Bemdita sejas tu, alva cecem,
Que déste ao meu viver angustiado

Esse santo pharol que todos tem,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!

Como tu conseguiste que o destino
Podesse debuxar na sua tela
A luz do teu perfil correcto e fino!

E' que tens n'essa fronte, alma singella,
Um não sei que de santo e de celeste
Como o pallido brilho d'uma estrella!...

E foi quando tu,—só!—me appareceste
Que essas nuvens sombrias da desgraça
Fugiram ao roçar da tua véste.

Bem como a noite escura foge e passa
Ao ver surgir a luz do sol fulgente
Entre nuvens finissimas de cassa...

E's tão bella e gentil, ó flor tremente,
—Rosa cahida dos jardins do Empyreo,—
Como a gotta d'orvalho transparente

Engastada no peito d'algum lirio!
O que eu sinto por ti não é amor;
O que eu sinto por ti é um delirio!

Gosto immenso de ver-te, ó minha flor,
A cozer a janella, ou encostada
N'essa mãosinha ideal, que é um primor;

Mas de manhã, se estás despenteada,
Fico louco se vejo, ó meu thezoiro
A tua fronte bella encaixilhada

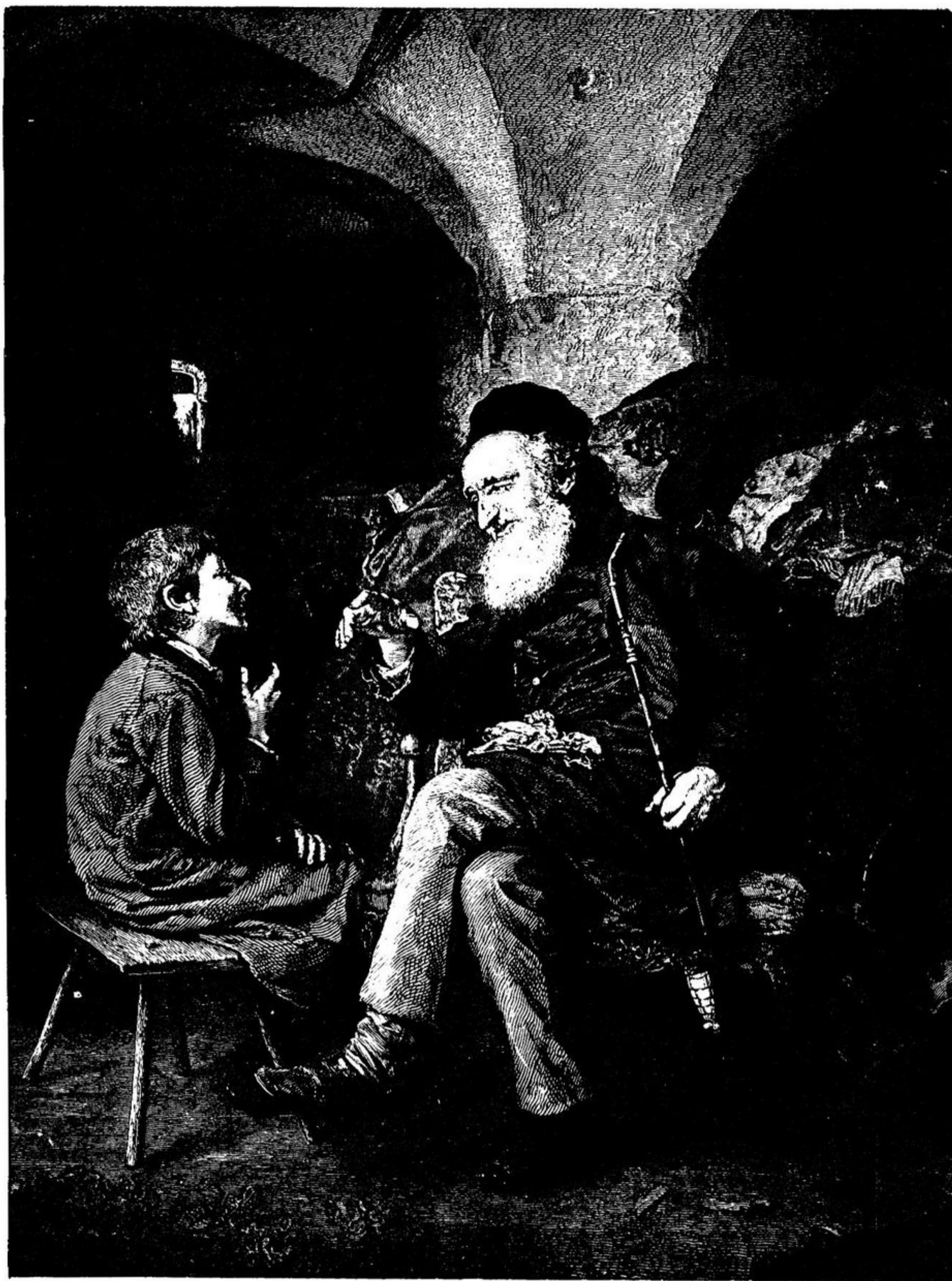
Nas espiraes do teu cabello loiro,
Que te cahem depois até ao chão
Em catadupa ideal de fios de oiro!

Ao ver-te assim, eu julgo uma visão
A luz d'esse teu rosto peregrino,
E, se penso que és minha, digo então:

Bemdito sejas tu, lirio divino,
Que me déste esse amor que todos tem,
E que eu tinha perdido em pequenino
Por ter perdido o amor de minha Mãe!...

Coimbra, 1884. EÇA DE ALMEIDA.

UM DRAMA N'UM TELHADO

Conheci-os a todos tres; quasi que assisti ao seu nascimento. Eram muito pequenos, quando eu fui morar para ali. No dia seguinte ao da mudança, ao abrir as janellas deixando que o sol entrasse, como uma onda de poeira loura, pelo quarto den-

AS PRELECÇÕES DO USURARIO

A GAVETA DOS SEGREDOS

O BOBO DA CORTE

tro, vi-os muito pequenos, muito engraçados, piscando os seus olhos traidores, a dormir sobre o telhado.

Ella—a gatinha—era toda branca. Quando andava, tinha uns meneios *coquettes* e franzia o focinho com uma especie de sorriso vaidoso. Apanhando o sol quente no telhado, não parecia um paria da sua raça, uma abandonada; tomava ares de *Angora* favorito e estendia-se toda, com o focinho entre as patinhas, semelhando um *regalo* caprichoso d'uma mundana celebre.

Os outros campanheiros eram dois typos os mais oppostos. Um —todo negro—era endiabrado; o acampamento de telhas quasi não chegava para os seus saltos, correrias e cabriolas; um pedaço de papel, uma casca de laranja serviam-lhe de pretexto para a folia mais desenfreada; era um estouvado, um *espalha*, segundo a phrase d'um meu visinho.

O outro—antithese completa do companheiro—era um *pelle de tigre*, socegado, de passos serenos. Ao avançar para os restos que lhe atiravam das janellas, tinha a gravidade de chefe de repartição; e eu, palavra de honra, estava sempre á espera de o ver apparecer no dia seguinte, com a respectiva manga de alpaca.

Foram crescendo todos tres n'uma bella amisade: nas noites boas dormiam ao ar livre, enroscados, aconchegando-se na capa de luar que os cobria como agasalho confortavel de dona cuidadosa. nas noites de chuva iam abrigar-se sob uma saliencia do zinco d'um telhado proximo, todos muito unidos, formando um corpo unico.

Foram crescendo; o *Espalha* começou a sentir uma certa inclinação pela *Blanche*—nome com que eu baptisei a minha predilecta.

A's cinco horas da tarde, quando a minha creada lhes atirava restos do jantar, elle tinha attenções para com a companheira, não estendia a patinha sem que ella mostrasse querer este ou aquelle bocado; se acabava de comer primeiro do que ella, deixava cahir dos seus dentes finos e muito brancos metade do que tinha, para lh'o dar. Depois, quando se sentava a fazer o chylo, apanhando uns ultimos raios do sol poente, ficava-se a contemplar a sua *Blanche* com um olhar muito meigo, muito demorado. O demonio do bichano parecia até que avelludava os olhos!

O outro fazia exactamente o contrario: gulotão indomavel, mal divisava a creada apparecendo na varanda, abria as guelas e, de rabo espetado, soltava uns miaus seccos e entrecortados, que tinham um não sei que de selvagem. E quando a comida cahia sobre o telhado, atirava-se sobre ella, empurrando os companheiros e afogando o focinho no meio da refeição. Era um alarve: parecia considerar a *Blanche* apenas com uma concorrente á generosidade dos inquilinos do predio; parecia não ver n'ella a femea da sua raça, a futura mãe, talvez, dos seus filhos; não tinha impetos d'amor. Eu cheguei a desconfiar de que n'aquelle animal o coração descera ao estomago.

Durante muitas semanas vi o *Espalha* a passar repetidas vezes pela frente da *Blanche*, a olhal-a de lado, depois arrastar-se por junto d'ella e tocal-a levemente. Então, a *Blanche* assumia toda a sua importancia e affastava-se um pouco: um dia atreveu-se a chegar o focinho ao d'ella: a *Blanche* deu um pulo enorme, assoprou e foi esconder-se sob o zinco. O outro observava a scena com os olhos meio fechados, de barriga cheia, com um certo ar de zombaria pelo *petit-crévé* seu companheiro.

O *Espalha* começou a entristecer, não comia quasi nada, passava os dias a aquecer-se ao sol, como um tysico desenganado; o seu olhar empallideceu n'um amarello desbotado; tinha um miar phrenetico, notas de desespero, e ao mesmo tempo um certo desalento no andar.

E o outro lá estava gordo, anafado, de pello lustroso e ventre cahido, a regalar-se com o quinhão a mais, que o *Espalha* quasi sempre lhe deixava.

Uma noite, chegando á janella para fumar um charuto e deixar entrar o ar no meu quarto cheio de fumo, reparei na *Blanche* firmada nas quatro patinhas, muito direita, muito *coquette* no meio do telhado: d'ahi a momentos vi sahir lá debaixo do zinco o *Pelle de tigre*, ir arrastando-se mansamente por ali fóra, parar defronte d'ella, tocar-lhe com o focinho, depois dar uma volta e vir de novo beijal-a. Ella, presa d'um nervosismo impressionavel, soltou um gemido muito suave, mas não tão suave que não fizesse cahir d'um salto, entre os dois amantes, o abandonado *Espalha*. Estava medonho; n'aquella massa negra apenas se viam os olhos, então d'um amarello queimado e quente, faiscando cholera.

O *Pelle de tigre* recuou, mas não tanto a tempo que o seu focinho ficasse livre das unhas do rival. A lucta foi encarniçada; separavam-se agora, para se unirem logo e rebolarem pelo telhado como um corpo unico, lembrando cambalhotas de *clowns*. O *Espalha* tinha genio, mas o outro era mais forte; n'um d'aquelles recontros o *Pelle de tigre* atirou-o do telhado abaixo. Sentiu-se a queda secca d'um corpo sobre a lage do saguão e ouviu-se um miau frio e cortante. O *Pelle de tigre*, na beira do telhado, com o pescoço estendido, ficou-se a olhar lá para baixo, cravando o seu olhar assassino no azul da noite que enchia o saguão, e a *Blanche*, muito encolhida, foi esconder-se a medo lá debaixo do zinco.

D'ahi por diante, ella—a minha predilecta—perdendo todo o coquettismo, nunca mais sequer comeu ao lado do companheiro, e todas as noites ia de mansinho, a medo, com passos de criminoso, espreitar á beira do telhado.

Fez-se velha, vieram-lhe os accidentes: n'um d'elles, desesperada, com o pello todo eriçado, faiscando electricidade, foi cahir lá em baixo, no mesmo logar, onde, annos antes, morrera o infeliz *Espalha*.

EDUARDO SCHWALBACH.

AS NOSSAS GRAVURAS

RIO DE JANEIRO—RUA DA GLORIA

E' uma das ruas mais formosas da capital do imperio. Margina a bahia no seu ponto mais pittoresco. Sobranceiro á rua fica o morro da Gloria, onde está a capella nupcial, em cuja pia baptismal foi baptisada a sr.ª D. Maria II, de saudosa memoria, mãe de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I.

Todos os annos o povo fluminense concorre, no dia 8 de agosto, á romaria, que se faz n'aquelle logar, com a assistencia de suas magestades imperiaes e de toda a côrte.

E' um dia de immenso jubilo para os brasileiros e portuguezes.

A rua da Gloria segue para um dos mais lindos arrabaldes do Rio de Janeiro, as Laranjeiras, e prolonga-se até Bota-fogo, praia deliciosa, onde residem as familias mais aristocraticas da capital.

Na rua da Gloria está o palacio do barão de Nova Friburgo, edificio sumptuoso, cuja fabrica custou 5.000:000$000 réis. A mobilia d'este palacio, que foi da Europa, custou 600:000$000 réis da nossa moeda. Tem na fachada principal estatuas de marmore de Carrara, de subido valor artistico.

A rua da Gloria, já pelos seus esplendidos palacios, como o da Marqueza de Abrantes, Bahia, e outros, já pelos seus pittorescos arredores, já pelo magnifico hospital da Beneficencia Portugueza, um dos mais luxuosos do Rio de Janeiro, que lhe fica proximo, é das mais notaveis da cidade, e das mais animadas pela concorrencia. E' ponto de passagem para a extrema da cidade,—o jardim botanico, até onde chegam os carros americanos, percorrendo uma extensão de perto de vinte kilometros.

AS PRELECÇÕES DO USURARIO

Adivinha-se um judeu n'aquella barba comprida, n'aquelle gorro deixando ver uma testa ampla, n'aquelle nariz aquilino caracteristico da raça hebraica, n'aquelle meio sorriso cheio de malicia.

Usurario, como todos os judeus, trata d'instruir a prole na sciencia de ganhar muito em pouco tempo, pelos meios praticos da agiotagem.

—Pede mil pelo que vale dez, empresta a 99 3/4 por cento, quando fôres homem—diz elle ao pequeno—e serás millionario e serás grande!

O rapaz escuta-o embevecido, conta pelos dedos os milhões capitalisados de que elle lhe falla, e, judeu como o pae, promette seguir á risca os conselhos da sua vasta experiencia.

O BOBO DA CORTE

Depois de divertir a côrte com as suas facecias grotescas de polichinello assalariado, entendeu que devia divertir-se a si proprio, n'uma refestella pantagruelica. Comeu á farta, bebeu copiosamente, e o *Lacrima christi* subiu-lhe á cabeça.

In vino veritas diz o dictado, e é certo. O nosso histrião, n'aquella somnolencia agitada que vem depois das libações, começou a dizer mal dos seus senhores e amos, e, por fim, cae n'uma modorra profunda.

Duas damas de honor, que passam, ouvem ainda as ultimas apostrophes do bufão embriagado, e chacotêam do caso.

A GAVETA DOS SEGREDOS

Aquelle velhote, tão parecido com um ourangotango, não imagina, de certo, que a pessoa a quem pertence a correspondencia, que elle teve o atrevimento de ir investigar, está ali a observal-o. Para maior desgraça, estreiou-se por uma carta que falla d'elle em termos nada lisongeiros. A' medida que se vae adiantando na leitura, vae-se accentuando mais a expressão ironica da physionomia de quem o observa, emquanto que a d'elle se torna burlesca. Quiz saber o que diziam de si, por isso está colhendo agora o fructo da sua indiscrição.

UMA PAISAGEM

Um *clair de lune* formosissimo, copiado *d'après nature*. A rustica azenha move-se compassadamente, misturando a sua chiada

monotona ao arrulho do regato que desliza, por entre uma vegetação opulenta.

Lá de cima, a lua espreita aquella deliciosa paisagem, imprimindo-lhe uns tons alegres e sorridentes.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Trouxe-nos ha dias o correio d'Africa umas deliciosas cartas, escriptas em calligraphia microscopica, quasi imperceptivel, e firmadas com o nome de Hortensia. Primam ellas tanto pela originalidade e pelo colorido vigoroso das narrativas, que não resistimos á tentação de começar já hoje a publical-as, pondo de parte outros artigos compostos para entrarem n'este numero.

Uma senhora deve ter sempre a primazia em tudo.

Só nos peza ter de dividir, em duas, a primeira das *Cartas africanas*, pelas suas grandes dimensões, divisão esta de que pedimos desculpa á amabilissima Hortensia e aos nossos leitores.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este appellido liga este homem—2—1.

Esta interjeição é uma flor formosa—1—2.

Este homem na musica é mulher—2—1.

Aqui tem agua para agazalhar—1—2.

Santa Comba Dão. A. SOUSA FRANCO.

EM VERSO

(Ao cabo d'esquadra, auctor da charada «malfadado», publicada na *Illustração* de 22 de fevereiro)

Meu existir é triste. Eu sinto a nostalgia
D'aquillo que já fui, da vida que passou.
Cobre agora meu ser funda melancholia.
Qual misanthropo vivo aqui aonde estou.—1

Desdenhaste mulher o meu ardente amor,
Não attendeste a voz d'um pobre coração!
Esquiva, sempre esquiva ó delicada flor,
Sem ver's que me queimava o fogo da paixão!—2

Nem um sorriso só, nem um olhar sequer,
Como um raio de sol brilhando em ceu brumoso,
Tiveste p'ra affagar aquelle amor, mulher,
Sentimento tão puro e nobre e grandioso!—1

. . . .

Ai! vida que vivi, prazeres d'outra ora,
Estrella que fulgiu momentos, e passou!
Tudo, tudo se foi. Longe do mundo, agora,
Qual misanthropo vivo aqui aonde estou.

Leiria. OUTRO CABO D'ESQUADRA.

EM QUADRO

— — — E' uma lei
— — — Que rege
— — — Um enfermo

PERGUNTA ENIGMATICA

(A S. J. Fernandes, auctor do logogripho cuja decifração é *Silvestre*, offerece o auctor d'esta pergunta enigmatica o 1.º semestre da *Illustração Portugueza*, caso a decifre).

Qual é a palavra que é rio e animal?

JOSÉ DIAS VELLOSO.

LOGOGRIPHO

Nome proprio—8—7—7—4
Nome proprio—1—2—3—8
Nome proprio—5—6—7—4
Nome proprio—3—4—1—8

Nome proprio

A. S. FRANCO.

PROBLEMA

Tres numeros, cuja somma é 70, satisfazem ás seguintes condições: o segundo dividido pelo primeiro dá 2 de quociente e 1 de resto; o terceiro dividido pelo segundo dá 3 de quociente e 3 de resto. Quaes são os numeros?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Simão—Menino—Lavadouro—Breviario—Incapaz—Eudiometro—Patarata—Isis—Cholera—

R a m o
a n i l
m i c o
o l o r

DO ADAGIO:—A mocidade ociosa faz a velhice vergonhosa.

DAS ADIVINHAS POPULARES—Meada—Coração.

DO LOGOGRIPHO:—Zebura.

DO PROBLEMA:—O numero 1 satisfaz ao problema. Mas convindo o numero n, convem egualmente $2n+1$, porque $2n+1-\frac{2n+1}{2}-\frac{1}{2}=n$; logo resolvem o problema os numeros 1, 3, 7, 15, etc., que são respectivamente eguaes a 1, $2+1$, 2^2+2+1, 2^3+2^2+2+1, etc., ou a 2^n-1, sendo n um numero inteiro.

A RIR

Calino viaja.

Chegado ao Porto, dá pela falta da chave da mala, e fica atrapalhadissimo.

De repente tem uma idéa, e pergunta a si mesmo:—Dar-se-ha o caso de que eu a tivesse deixado lá dentro, quando a fechei?

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

EXCELLENTE TIZANA PARA AS CONSTIPAÇÕES REBELDES

Tomam-se:

100 grammas de capillaria
100 grammas de borragens silvestres
50 grammas de hyssopo

Ferve-se tudo em quatro litros d'agua, até se reduzir a dois litros, e escuma-se. Feito isto, passa-se o liquido por um panno, e junta-se-lhe 200 grammas de mel branco.

Em seguida põe-se de novo a ferver: quando se tira do lume, passa-se uma outra vez por um panno ou por uma peneira, vasa-se em garrafas, e collocam-se estas em logar fresco.

A tizana que recommendamos toma-se tres vezes ao dia, em copo de dois decilitros: a primeira, de manhã em jejum; a segunda, ao meio dia, e a terceira duas horas depois da ceia.

CARTAS AFRICANAS

(Á SR.ª CONDESSA DE...)

D'aqui te estou vendo, querida amiga, apesar das tres mil leguas que nos separam, ennovelada nas tuas pelliças, junto ao brazeiro, diligenciando desentorpecer os membros enregelados pelo vento que sopra da Senabria, saudosa do teu ninho, que nem ao menos te deixaram aquecer!

Mas que queres?

Estes grandes senhores da politica e dos governos são os nossos peccados! Ao *mesmo* que te despachou para a Siberia portugueza tambem eu *devo* o estar hoje nas costas d'Africa! Que Deus lhe perdoe!

Ahi, dizem haver ursos brancos e phocas. Aqui, temos leões, tigres, leopardos, quizumbas e toda a variedade de serpentes. Estamos em boa sociedade!

Quizera ir surprehender-te a esse desterro, desdobrando perante os teus olhos a téla que hoje representa o meu viver; mas poderei conseguil-o?... Não! poderei apenas tental-o!

O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!
O' noites d'Africa! ó noites de selvageria!

Os rumores do sertão despertam com as sombras da noite cerrada.

Estranho concerto, em que se confundem os gritos das aves

nocturnas com o bramir das féras, o silvo dos reptis, e a voz de infinidade d'animaes que povoam o matto virgem!

Ao centro, na explanada da serra de Jogoni, ergue-se a barraca formada por quatro vigas sustentando a cobertura de palha. E' a casa de jantar e sala, o unico abrigo. As palhotas apenas servem para dormir.

A noite está abafadiça: opprime-me a macção a que me vejo constrangida, nas horas em que o corpo pede exercicio, liberto da languidez causada pelos calores do dia.

Mas o passo é-me embargado por todos os lados para onde me volto. Se avanço, para descer pela rua das grandes bananeiras, acode pressuroso o nosso amavel hospedeiro:—Para ahi não! lá

UMA PAISAGEM

em baixo costuma, a esta hora, andar um leopardo, que se acoita *ali*, n'aquelle matto.

Tomo para a direita, eil-o outra vez atraz de mim:—Para ahi não! Acolá, n'aquella arvore, ha ninhos de *manubas* (especie de cobra capello): pela fresca saem ás vezes para a estrada.

—Vamos então para a borda do rio, para os caniçaes.

—Mas... é o caminho seguido todas as noites pelo tigre que tem levado os carneiros do régulo Piruque.

—Bem, em vista de tudo isso, vamos... para *casa*.

Mas eis que chegam tres régulos. Veem saudar-nos com os seus batuques. Accendem-se fogueiras; em cada palmeira suspende-se uma lanterna; a barraca illumina-se, e as magestades negras tomam logar ao pé de nós, sentados em esteiras ou no collo das suas mulheres.

O régulo Condula, um velho sympathico e respeitavel, que, ha alguns annos, foi victima da mais nefanda injustiça, diz-me em tom lastimoso:

—Senhora, tiraram-me as minhas terras por eu ser fiel ao governo! por me não associar á traição do capitão Maia! E' assim a justiça dos brancos!...

Os landins são altos, vigorosos e ageis. Envolvem á cintura pelles de varios animaes. O tronco nú. Enfeitam-se com enfiadas de buzios, contas, unhas de tigre, dentes e pontas d'outros animaes. Trazem estes enfeites ao pescoço, nos braços, cintura e pernas. Na carapinha, que arranjam muito artisticamente, em fórmas caprichosas espetam vistosas pennas das formosissimas aves d'esta região; e alguns em tão grande abundancia, que tornam a cabeça n'uma monstruosa e exquisita plumagem. Muitos trazem em volta do pescoço jubas de leão.

O corpo de baile prende, ás coxas das pernas, um mólho de castanholas.

As mulheres envolvem-se n'um panno que, debaixo dos braços, chega além do joelho: trazem manilhas de cobre nos braços e pernas, e ao pescoço fios de contas. Não dansam com os homens: formam um grupo separado, e apenas com um preguiçoso e desengraçado movimento de corpo, acompanham a pequena distancia as dansas d'estes, que representam um simulacro de combate. O chefe vae sempre na frente, seguido pelos outros a tres ou quatro de fundo, girando em circulo, tomando por centro uma palmeira ou outra arvore.

A orchestra compõe-se de batuques, que teem o som de maus tambores, pifanos, marimbas cafreaes, e toca uma especie de galope accelerado.

Nada ha que possa dar uma idea approximada dos prodigios de força e agilidade que estas dansas desenvolvem!

Com o corpo inclinado para a frente, as pernas curvadas, vendo-se os musculos palpitar como em contracções d'uma convulsão violenta, soltam gritos selvagens, dando saltos espantosos, batendo sempre com os pés ao compasso da musica, e fazendo retenir as castanholas que trazem nas pernas, como se fossem manejadas pelos dedos d'uma hespanhola.

De repente, o chefe estaca, crava no chão um olhar furibundo, aponta a azagaia a um alvo imaginario; recresce o enthusiasmo, redobram os gritos de guerra, e todas aquellas furias saltam no ponto indicado, espicaçando com as azagaias o supposto inimigo que ahi caiu.

Assim termina a estravagante dança, que produziria maravilhoso effeito exhibida no Colyseu, onde apparecem leões e elephantes. Teria muito a ganhar a rachitica mocidade de Lisboa, adoptando entre si esse genero de brincadeira, que, sem auxilio de trapezio, é, sem duvida, um dos mais energicos exercicios physicos que póde imaginar-se para o desenvolvimento muscular.

Restabelece-se o silencio; restabelece-se o côro dos habitantes das florestas. As luzes extinguem-se a pouco e pouco. São horas de recolher.

O nosso obsequioso hospedeiro, caminha na minha frente, de luz na mão, alluminando para todos os lados, até á porta da minha palhota, que fica um tanto retirada. Ahi espera-me o mesmo cheiro acre, desagradavel, de todas as noites: Que é isto?... Depois t'o direi.

Soube-o quando já lá não estava.

(Continua).

HORTENSIA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso...............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA